

Ucrânia



Uma guerra civil sem fim à vista

Depois de um ano de confrontos, a paz continua distante. À Rússia não incomoda este impasse. Que continuará a alimentar enquanto estratégia global de desestabilização europeia.

DAVID SANTIAGO

dsantiago@negocios.pt

A guerra civil na Ucrânia prolonga-se há mais de um ano. Sucessivas sanções e acordos de paz depois, aquilo a que muitos ainda chamam de “crise ucraniana” é um conflito cristalizado que já causou pelo menos seis mil mortos confirmados. Muitos deles civis. Classificações à parte, Bernardo Pires de Lima, investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI), constata que “temos uma guerra aberta na Europa há um ano”.

Esta segunda-feira, em Berlim, a já quinta mini-cimeira entre os representantes diplomáticos da Ucrânia, Rússia, Alemanha e França mostrou que “as diferenças entre Kiev e Moscovo ficaram uma vez mais claras”, segundo palavras do ministro alemão dos Negócios Estrangeiros, Frank-Walter Steinmeier. A Ucrânia reitera que Moscovo continua a apoiar as acções militares divisionistas. A Rússia desmente e, esta quinta-feira, o presidente russo, Vladimir Putin, reassegurou que “não há tropas russas na Ucrânia”. Esta declaração surgiu depois de o ministro russo da Defesa, Sergey Shoygu, ter acusado Washington e os seus aliados de tentarem colocar Kiev na sua órbita, algo “que não poderia passar em branco”. O Kremlin exige o cumprimento integral dos 12 pontos estabelecidos pelo acordo de paz Minsk 2, assinado na capital bielorrussa a 13 de Fevereiro último. Moscovo atribui particular importância ao ponto relativo ao “diálogo nacional” inclusivo entre Kiev e as autoproclamadas repúblicas independentes de Donetsk e Luhansk, tendente a garantir maior autonomia a estas regiões. Putin sustenta que “as autoridades ucranianas estão a perder o Donbass pelas suas próprias mãos”.

Apesar de a profusão de notícias relativas às hostilidades entre as forças separatistas e o exército leal a Kiev ter diminuído nas últimas semanas, a verdade é que, decorridos dois meses, o plano Minsk 2 não foi ainda implementado de forma efectiva no terreno e os combates prosseguem na região do Donbass, no Leste da Ucrânia. Também o primeiro cessar-fogo firmado em Minsk, a 5 de Setembro de 2014, fora sistematicamente desrespeitado.

“Não penso que seja possível alterar muito a situação actual”, diz o general Loureiro dos Santos, confrontado com o prolongar dos combates. A explicação para o fracasso da concretização dos acordos de paz está no jogo de interesses de Moscovo. Porque “o cumprimento total e duradouro do cessar-fogo não é do interesse russo”, garante Pires de Lima, que enquadra o comportamento do Kremlin no âmbito de “um jogo duplo”: Vladimir Putin, ao mesmo tempo que se “apresenta como parte da solução política e militar no quadro de sucessivas rondas diplomáticas, instiga, a espaços, a turbulência no terreno de forma a insuflar mais um ‘frozen conflict’ na sua antiga zona de influência”.

Todavia, a Rússia continua a negar qualquer envolvimento directo no conflito ucraniano. “A participação da Rússia nos tratados passa por negar o que todos garantem acontecer: o apoio russo aos separatistas”, afirma Loureiro dos Santos, que justifica este comportamento com a “percepção de que os europeus não têm capacidade militar para dissuadir”.

Ora, para o antigo chefe do Estado-Maior do Exército é, precisamente, a inexistência de “força para apresentar um ultimato à Rússia” que leva a Europa a persistir no caminho das negociações que se vêm revelando continuamente insuficientes. Perante o agudizar dos confrontos no Donbass, a chanceler alemã, Angela Merkel, tomou as rédeas europeias enquanto principal defensora de uma solução que passe pela aposta na via diplomática e na alternativa representada pela política de sanções económicas contra Moscovo. No início de Fevereiro, Merkel reuniu-se com o presidente norte-americano, Barack Obama, para tentar evitar que os Estados Unidos enviassem armamento militar defensivo para a Ucrânia, pretensão comum a importantes figuras democratas, republicanas e do Pentágono. Hipótese que resultaria numa escalada de tensão na região, alertou Moscovo. A Alemanha é o principal parceiro económico europeu da Rússia.

RÚSSIA APOSTA NUMA ESTRATÉGIA GLOBAL

Apesar da crise económica acentuada pelas desvalorizações do preço do petróleo e do rublo, a Rússia não deixará de fazer tudo para man-

“Os europeus não têm capacidade militar para dissuadir”, nem “força para apresentar um ultimato”, diz Loureiro dos Santos.